



Gothic Lolita

Bastidores de uma vida

Capa: Foto de Jan Saudek (detalhe), artista Tchecoslovaco. Algumas das obras de Jan Saudek entraram na cultura popular no Ocidente, sendo usados como capas para álbuns de bandas como Anorexia Nervosa (New Order Obscurantis), Soul Asylum (Grave Dancers Union), Daniel Lanois (Para a beleza da Wynona) e Beautiful South (Bem-vindo ao Beautiful South).

Revisão/Diagramação/Concepção de capa:
Vinicius Jardim
2011

Índice

01	28 de dezembro de 2005
02	Doce Criança
03	Onde Vocês Estavam?
04	Meu primeiro beijo
05	Brincadeira Nada Inocente
06	Família
07	Uma linda Moça
08	Perdendo a Inocência
09	Minha primeira Vez
10	Twister
11	The Best
12	Primeiro Beijo??
13	1998
14	Príncipe Encantado
15	Férias de Inverno
16	Meu primeiro amor
17	Meu primeiro Namorado
18	Desígnios de Deus
19	Geração coca-cola
20	Shanon
21	Rotina
22	Sustento
23	Whisky in the jair
24	Dinheiro
25	Decadência
26	Avalanche
27	Prostituição
28	Desespero
29	Última porta
30	Negócios
31	Quebra de Contrato
32	Tempestade
33	Eu que não amo você
34	Ano novo, Vida velha

35 Virgindade
36 Provoações
37 Intimidade
38 Maio de 2002
39 Julho
40 Velhos Hábitos
41 Vistoria
42 Sem saída
43 Dezembro de 2003
44 Prostituta?
45 Festa de boas Vindas
46 O pior vício
47 Primeira noite
48 Gravidez
49 Assim são feitos os Anjos
50 Lenon
51 Bela morte
52 Acertando as contas
53 Novembro
54 Janeiro
55 Cicatrizes
56 Bonequinha
57 31 de dezembro de 2005
58 Primeiro dia do resto da minha vida

28 de dezembro de 2005

*“Embriagado na imoralidade
Valium e vinho de cereja
Cocaína e ecstasy
Você vai foder sua mente
Eu entendo a fascinação
Até passei por isso uma ou duas vezes - ou mais
Mas se não mudar sua situação
Então você vai morrer”*

*Commercial for Levi
Placebo*

Quarta feira.

Há alguns dias o homem com quem mantenho o mais próximo de um relacionamento, me questionou o porquê. Nem mesmo eu sei o motivo, só sei que cada passo que dei me trouxe até aqui, não tenho como consertar ou como voltar atrás, simplesmente aceitar e aprender a conviver com os meus erros.

- Você teve tudo, um lar estruturado, pais que te amaram, dinheiro, conforto, amigos, não consigo entender o porquê de você ser assim.

Tive vontade de arremessar o cinzeiro à minha frente em sua direção, e o teria feito, se não soubesse que ele iria revidar. Ele era outro fudido, assim como eu,

talvez até mais, levou tanta porrada da vida, que se viu obrigado ao revide para conseguir sobreviver.

Tive vontade de gritar "seu bosta, você não sabe nada sobre mim, meus pais quando foi que eles me amaram, aliás onde estavam quando precisei deles, mas te digo, estavam ocupados com as suas próprias vidas, dinheiro, a única coisa que o dinheiro me trouxe, foi o sustento dos meus vícios, amigos, onde é que eles estão, se me conhecessem de verdade nem seriam meus amigos".

Se eu não fosse a agradável menina bonita, a maior parte deles nem me cumprimentaria.

"Amor, quem é que me ama? Diga uma única pessoa que me ame, a única coisa que verdadeiramente amei, me foi tirada, e se você ainda está aqui é porque vou abrir as pernas logo mais e realizar suas fantasias com uma menina mais nova".

"Mesmo que acabe toda doída me sentindo suja, tão inútil e vulgar quanto qualquer outra prostituta".

"Mas não se preocupe, vou ficar melhor assim que você abrir a

carteira e bancar a merda dos meus vícios”.

Mas calei, engoli, mais uma vez, na porcaria da minha vida, engoli, é mais fácil assim, não tem briga, não tem discussão, não tem tapas, quando se é o lado fraco da historia o melhor é sempre engolir, a solução mais fácil à saída mais rápida e aparentemente a mais indolor.

Estava sentada junto à mesa, pedi para ele o pó.

- Você vai me dar ou não?

Está se destruindo, será que não enxerga isso, cada vez vai ficar pior.

Ele se aproximou, puxou a cadeira, sentou-se, e me olhou nos olhos.

-Já estive ai, nesse mesmo lugar e as coisas não vão melhorar, você pode fugir dos seus problemas, esconde-los atrás de um sorriso, de mais um porre, e quando você acordar os seus problemas ainda vão estar aqui e você vai estar de resseca.

Sorriu-me, passou a mão em meus cabelos, desceu pelo meu rosto.

-Hummm... menina, você é muito nova para ter desistido, tem um mundo

lindo ai fora te esperando, mas você precisa sair, enquanto pode.

-Não sou você.

-To aqui do seu lado, mas você não me enxerga, não me deixa te ajudar, já vi garotas como você, no começo é assim, te diverte, te distrai, te vicia e te destrói por dentro. Quando você abrir os olhos vai ver que o tempo passou e os seus problemas só aumentaram.

Levantei-me e me ajoelhei entre suas pernas, ele gosta dessa coisa, ajoelhada aos seus pés o deixava excitado e fazia com que se sentisse no controle.

Aconcheguei meu rosto em sua coxa.

-Você sabe que tentei, mas não consigo, é mais forte do que eu, não consigo, sou fraca, não tenho forças para continuar, só preciso de um pouco, para ficar melhor.

Fui esfregando meu rosto levemente em suas coxas, falando baixinho, procurando as mãos dele e as trazendo para o meu corpo, senti a respiração dele ficando mais forte.

Subi as mãos de leve pelas suas canelas, com ele tudo tinha que ser sutil, ele é quem decidiria o que seria feito; abrir suas calças

e cair de boca não teria nenhum resultado, pelo menos não comigo, quebraria o encanto.

O beijo, a língua dele percorrendo a minha boca, suas mãos descendo pelos meus braços, baixando as alças de minha regata, puxando-me para seu colo, tocando meus seios suavemente, a mão descendo pelo meu corpo,

Com a voz mansa me pediu:

-Tira o short.

Ainda estava de pijama, era bem cedo, só sai da cama para pedir o pó, ele viajaria antes do almoço.

Levantei-me, fui baixando o short, devagar, sem pressa; o vôo pode esperar.

Mexeu no elástico de minha calcinha, passando os dedos por dentro, puxou - me para seu corpo com delicadeza, as minhas mãos em seu rosto, nossas bocas se encostando um beijo de leve, somente nossos lábios se tocando, seus lábios descendo pelo meu queixo, a barba por fazer me deixando arrepiada, a mão dele tocando as minhas coxas, um abraço colando nossos corpos.

Ergueu-se, me levando em seus braços, enrolei as pernas em sua

cintura indo em direção ao nosso quarto, me deitou na cama, o seu corpo por cima do meu, tirando as minhas calcinhas, sua língua entrando em minha boca.

Os meus seios em suas mãos, a forma a qual ele os segurava e chupava os mamilos e ia aumentando o ritmo, me fazendo querê-lo dentro de mim.

A mão descendo até a minha vagina, os dedos me tocando, sendo introduzidos um a um.

Sua boca escorregando pelo meu ventre, me chupando, voltando à minha boca, foi tirando a camisa, abrindo as calças.

Parada básica

-Onde você guardou?

-Na gaveta.

Esticou-se sobre mim tentando alcançar a gaveta, não deu, levantou, pegou a camisinha.

Não queria correr o risco que engravidasse novamente, uma já havia bastado, foi uma amostra grátis de que não queria envolvimento mais sério. Fiquei observando enquanto tirava as calças, colocando o preservativo.

Voltou a me beijar, se enfiando em mim, o peso de seu corpo sobre o

meu, as mãos dele puxando minhas pernas.

-Abre!

Ele se ajoelhou entre elas, vindo mais rápido, mais forte.

Parou.

Meus olhos fechados, virou meu corpo, puxou o travesseiro até minhas mãos e o aconcheguei embaixo de meu ventre, abaixei a cabeça, agora começava a parte em que sempre saía no prejuízo.

Sentia meu corpo sendo empurrado, puxado, mordida os lábios, fechava os olhos, procurando não gemer, um gemido mais alto a mão dele viria aos meus cabelos, puxando eles.

-Fica quietinha, fica.

Podia até chorar, só não podia gemer alto.

Tapava a minha boca.

Ele ia gozar, fazia com força, se enfiava todo, seu corpo se recostando no meu, sua mão acariciando os meus cabelos.

-Tira!

-Já vou sair, calma!

-Me deixa virar.

-Não. Assim tá gostoso.

Descansou por alguns minutos e foi até o banheiro

-Doeu?

Sorri, ele já sabia a resposta.

-Olhei para seu corpo se afastando, a tatuagem em suas costas de um dragão preto e vermelho, o bumbum, suas pernas musculosas coberta de pelos claros, seu cabelo longo solto, é um homem bonito.

-Loli, vai querer que te traga alguma coisa?

Estiquei-me na cama, espreguiçando, sentindo os lençóis de seda tocarem a minha pele.

-Você está me ouvindo?

-Um kg de pó, uns vinhos, um frasco de valium, diazepam, fluoxetina, maconha também serve.

-Engraçadinha.

-Vai me deixar na mingá?

-Vamos fazer assim, te dou 15, 3 por dia.

-Você não pode fazer isso!

-Não devia te dar nada.

-Pelo menos vinte

-15!

-Você vai me deixar dinheiro?

Sorriso irônico, vestindo-se, sentou na cama enquanto calçava os sapatos.

-Não quero discutir, três vezes ao dia é o suficiente, se você quer

mais vai atrás de outro. Você está me saindo muito cara.

-15, não dão para nada.

-É só não cheirar tudo de uma vez; onde colocou a minha mala?

-Na sala, ao lado do sofá.

Fui andando atrás dele, abraçando seu corpo.

-E os cigarros?

-Os cigarros, as bebidas, os comprimidos e todo o seu coquetel?

Deu-me um beijo na testa.

-Se falar, resolve-se, você já tinha parado.

Dando-me um tapinha na bunda, mandou:

-Vai botar roupa e desça até o carro comigo.

Vesti as calcinhas, coloquei um vestido, arrumei o cabelo; dentro do elevador ficou me beliscando, o ascensorista olhando pelo espelho, um apertão em minha cintura, risadas.

Garagem, o segurança esperando.

-Bom dia!

-Ela está dormindo, não acordou direito, ainda.

O segurança tirou do paletó uma pequena bolsa, me deu, peguei, só de estar com ela nas mãos já ficava mais tranqüila.

-Oi.

-Presta atenção no que vai fazer Loli, não quero ninguém aqui. Não quero dor de cabeça, nem confusão me envolvendo.

-Tudo bem pai, pode confiar.

-Pai o seu rabo, não sou e nem queria ser.

Abraçou-me, tirou o cabelo do meu rosto e colocando atrás da orelha, falou ao meu ouvido:

-Quando voltar, nós vamos ter uma conversa, temos muito que esclarecer - apertou a bolsinha em minhas mãos -, isso vai acabar ou vai ter que arrumar outro banco.

Soltou-me, caminhou até o carro, conversando com o Alemão, meu cão de guarda, ficou parado na porta do carro dando as orientações do que deveria ser feito em sua ausência. Um aceno de mão e entrou no carro, esperei pelo Alemão, entramos no elevador.

Postura ereta, mãos juntas à sua frente, olhar sempre sério, ele deve ter 2 metros de altura por 2 metros de largura, daqueles negros que chegam a brilhar de tão escuros, acho que o braço dele dá as minhas coxas juntas, é enorme, parece um armário, fica me

vigiando quando o Nuka não está, é meu cão de guarda, está sempre atrás de mim.

Ele trabalha com o Nuka há mais de dez anos, era o segurança pessoal dele, depois que comecei a criar problemas, passou a ser o meu. Ele entra e sai do apartamento, me traz o coquetel pela manhã, o meu doce remédio, quase não o percebo. Verifica se está tudo dentro dos conformes, pergunta se quero algo e volta ao seu posto, no corredor. Se quiser sair do apartamento, ou é pela sacada e são 26 andares ou com ele atrás de mim.

Sozinha no apartamento e preparando a carreira pensei no que o Nuka me disse, se me deixar estou ferrada, não tenho vocação para prostituta de rua e as minhas alternativas não serão muitas.

Meus pais não querem saber de mim, emprego só se for de garçomete ou *stripper* e olhe lá.

Ou arrumo outro para pagar as contas ou paro de usar, infelizmente para mim a primeira opção é mais fácil.

Tem cinco anos que temos essa sociedade, já temos certa cumplicidade entre nós, mas nos

últimos meses as coisas saíram do eixo, perdi de vez o controle. Ele não tem paciência e não deveria ter, sou paga para distraí-lo e não para criar problemas. Não queria perdê-lo, me sinto segura ao seu lado e no fundo ele é tudo que tenho.

Cheirei a carreira, acendi um cigarro, peguei um vinho, uma taça e fui para a sacada, onde me sentei, admirando o parque. Fiquei pensando em tudo que já passei, tentando encaixar as peças de meu quebra cabeça.

Não sou burra e sei que se não fosse por ele a essa altura do campeonato já estaria morta emocionalmente, ou até mesmo fisicamente, talvez tivessem encontrado meu corpo em alguma lixeira nas ruas.

Só queria voltar atrás, concertar os erros, mas não tem como o jeito é aprender a conviver com eles.

Preciso conversar me abrir com alguém, dizer o que sinto, as vezes sinto como se fosse explodir a qualquer momento. Talvez escrevendo seja uma forma de contar a mim mesma e não tem como me magoar, mais do que já estou.

Doce criança

“Como você pode ver dentro dos meus olhos como portas abertas

Direcionando você até meu interior

Onde me tornei tão entorpecida sem uma alma

Meu espírito dorme em algum lugar frio

Até que você o encontre e o leve de volta para casa”

Bring me to life

Evanesence

Sempre chamei atenção pelos traços delicados e o corpo mais carnudo, sabia que era diferente só pela forma como me olhavam, estavam sempre a me dizer o quão bonita era e como estava crescida.

“Ela não parece ser tão nova”

“Essa vai te dar trabalho”

“Vai chover namorado na porta de casa”

E meu pai se apressava em dizer:

-Já comprei a cartucheira, coloco todos para correr.

Mas como é que iria colocar todos para correr se não estava lá, se não prestava atenção ao que estava ao redor, nas pessoas que me rodeavam, nos olhares que recebia ou se não me orientou em relação

ao mundo. Era um alvo fácil, carente, inocente, sozinha.

Beijos, abraços, carícias, partes do corpo, relacionamentos não eram discutidos em casa, o pouco que sabia era o que via na TV ou o que a Fátima (empregada/babá) me contava sobre seus casos amorosos. Tinha 25 anos e cinco filhos, um de cada pai, teve o primeiro filho aos treze anos e só parou no quinto, pois o médico fez uma laqueadura, a filha mais nova morreu com dias de nascida, pois a Fátima rolou por cima dela enquanto dormia.

Sexo, drogas ou *rock'n'roll* eram coisas do diabo, da nova era, assim como certas marcas de roupas, de carros a alimentos, era tudo coisa do diabo, me lembro de meu pai fazer com que me desfizesse de um ursinho de pelúcia somente por ele ser da Colcci ou não me permitir assistir família dinossauro, pois eles eram diabólicos.

Talvez o diabo fosse mais interessante aos olhos e mais fácil de seguir que Deus.

Onde vocês estavam?

*“Vivo em um cemitério
Cheio de boa vontade e integridade
Você vê, não tenho especialidade”*
Cemetery
Silver Chair

Verão de 1990.

Meus pais freqüentavam a igreja presbiteriana, localizada no centro da cidade, ela era imensa e ocorriam muitos casamentos ali, gostava de ficar depois do culto para assisti-los.

A igreja toda decorada com véus em tons de bege ligando os bancos, rosas em cores claras, a noiva flutuando sobre o tapete vermelho de braços dados com o pai, as damas de honra guiando os passos de ambos até o altar, todo o ritual envolvendo o novo casal, uma nova família começando, pelos menos é assim que deveria ser.

Nessa igreja meu pai era um dos presbíteros, se não me engano eram

doze, meus pais tinham uma relação mais próxima com um deles.

O Speca era casado e não tinha filhos, ele teve caxumba na infância e ficou estéril, e não quiseram recorrer a uma adoção, se não podiam ter seus próprios filhos preferiam não tê-los de forma alguma.

Eles freqüentavam a nossa casa e nós a deles, e eu gostava de ir lá, pois a casa tinha muitas distrações, como um quarto onde havia uma TV enorme, aparelho de som, vídeo game, coleção de filmes e revistas, os doces e os hambúrgueres, tinha piscina, e a melhor parte é que não se importavam com a bagunça.

A única coisa que não gostava era do Speca sempre me abraçando e me sentando em seu colo, havia algo duro nele, não sabia o que era, mas não havia o mesmo no colo do meu pai.

Quando tinha cinco anos viajamos para a casa de lago do Speca, onde íamos nos feriados prolongados, ficava a pouco mais de uma hora de carro da cidade; estava com o braço engessado e não podia entrar na água, então ficava no quiosque,

a onde o barco ficava ancorado, volta e meia minha irmã vinha verificar o que estava fazendo.

Vi o Speca vindo pela ponte, ele se aproximou, mexeu no meu cabelo e disse:

-Que pena você não poder entrar na água.

Mergulhou, era uma parte funda do lago, ficou nadando, se exibindo, mostrando o quanto a água estava gostosa, veio até perto do quiosque e respingou um pouco de água em mim.

-A água está uma delícia! Ainda mais nesse calor.

-Vem, entre, te seguro.

-Não posso, minha mãe não deixa.

-É só não molhar o gesso.

-Vem!

Levantei-me e andei até a escada, fiquei com os pés na água, mas estava com medo, pois era fundo, então me sentei nos degraus da escada, o Speca aproximou-se, me pegou pela cintura e se afastou do quiosque comigo.

O abracei, com medo de que me soltasse na água e, agarrada em seu pescoço, senti suas mãos deslizarem pelas minhas costas até alcançarem meus quadris, quando

começou a me pressionar contra seu corpo, as minhas pernas por entre as deles, aquele negócio rijo sendo esfregado em mim.

Empurrou-me de seus braços e foi se afastando, tentei segui-lo, mantendo a cabeça fora da água, mas acabei por afundar, o gosto da água, o cheiro de barro, os meus olhos ardendo.

Gritava, mas ninguém parecia ouvir, vi o Speca parado em pé no quiosque, observando, enquanto me debatia sem conseguir sair do lugar, e afundei.

Então pulou na água e me tirou, me deitando no quiosque.

- O que você estava pensando? Entrar na água, ainda mais sozinha, a mãe te avisou para não entrar na água, minha irmã dizendo.

Deitada no quiosque, sem entender o que havia acontecido, assustada e com falta de ar, escutava o Speca explicando:

-Achei que ela estivesse brincando.

Minha irmã me puxou pelo braço e saiu me arrastando.

Durante a noite sonhei que me afogava, tinha o barulho da água,

eu sem forças para continuar lutando, afundando, mas ainda podia vê-lo em pé no quiosque, me observando.

No dia seguinte minha mãe reclamou, pois falei a noite toda e não deixei ninguém dormir, então me deixou de castigo, proibindo que saísse da casa.

O restante do fim de semana passei na varanda da casa, pensando no que havia feito de errado, por que ele me soltou, porque não me ajudou.

Algum tempo depois, minha irmã foi dormir na casa do Specá, ela voltou no meio da noite, não sei o que aconteceu ou se aconteceu alguma coisa, sei que meus pais se distanciaram deles, as visitas passaram a ser raras, e não viajamos mais juntos.

Meu primeiro beijo

*“Desculpe-me por olhar fixamente
seus olhares tem-me cegado
você quer tocar em mim
então não tente lutar contra isso
beije-me”*

Kiss me
Indecent Obsession

Setembro de 1993

Estava com oito anos, a minha prima Vitória finalmente marcou a data de seu casamento, depois de dez anos de namoro eles finalmente iriam subir ao altar, minha mãe dizia que era uma vergonha tantos anos de namoro e que só estavam se casando para não fazer feio perante a família, afinal de contas seria humilhante para a Vitória não se casar.

O Rodrigo era loiro, tinha olhos grandes e azuis, era bem alto com um tipo físico forte e minha mãe não acreditava que ele pudesse amar a Vitória de verdade, dizia:

-Ela é feia, gorda e não entendo como um homem tão bonito pode se casar com uma mulher como ela.

-Os pais devem estar pressionando, é o mínimo que se espera depois de tanto namoro.

Um dia, a Vitória e Rodrigo vieram até a nossa casa, para entregar os convites do casamento. Enquanto a Vitória conversava com meus pais na sala de estar eu estava na sala de TV brincando na bicicleta

ergométrica, pedalando, quando o Rodrigo entrou na sala e se sentou em uma das poltronas, pouco falou ou se falou não me lembro.

Eu vestia um short de tecido xadrez azul claro, curtinho e uma blusinha, do nada senti um apalpar no meu bumbum, me ergui e olhei para ele e ri, ele me devolveu um sorriso.

Fui até a sala onde estavam meus pais, sentei no sofá e fiquei ouvindo a conversa sobre as damas de honra, Rodrigo permaneceu na sala de TV.

A vitória me olhava sorridente dizendo:

-Você é muito grande para ser a daminha, o pajem é baixinho e não daria certo, mas você poderia ser a florista, seus pais concordaram, o que você acha?

-Legal!

A minha mãe explicou para a Vitória que não teria tempo para me levar aos ensaios ou provas de vestido e que ela teria que se responsabilizar por me levar.

O vestido era parecido com o da noiva, decote ombro a ombro num tom de branco perolado, com pequenas flores, o corpete justo

no corpo, todo bordado á mão, com pequenas lantejoulas, depois descia a saia rodada, com várias camadas e havia uma armação de ferro por debaixo dos tecidos, as luvas até os cotovelos a tiara com pedras brilhantes.

Os ensaios aconteciam nas terças e nas terças fazia um curso de inglês, minha mãe havia me forçado a fazer as primeiras aulas explicando que no futuro eu a agradeceria por falar mais de um idioma, que seria importante para que fosse bem sucedida, e que é de pequeno que se aprende.

Depois gostei do curso, o som das palavras, e todo mundo ficava admirado, por já estar falando uma outra língua.

Saía do colégio às 11:50h, caminhava para casa, almoçava, fazia minhas lições, tomava um banho, me trocava, descansava um pouco, pegava as apostilas e ia para o curso; ficava perto de casa, poucos quarteirões, meu pai me buscava, pois saía tarde de lá, 19:00h, mas com os ensaios do casamento, a Vitória passou a me buscar.

Em uma das terças a Vitória não pôde ir me buscar e o Rodrigo foi em seu lugar, ele me explicou que ela estava acertando os detalhes da decoração e por isso não podia ir me buscar.

-Então vamos?

Ele segurando a porta do passageiro aberta.

-Vamos.

Entrei no carro, estava me ajeitando no banco, quando ele colocou o cinto de segurança em mim, achei estranha a forma como ele se debruçou por cima de mim para fechar o cinto, tirou as apostilas da minha mão e as colocou no banco de trás, fechou a porta, entrou no carro e me questionou.

-Já fala alguma coisa?

-Claro! Faz um ano que faço o curso.

-Sempre me esqueço que você é a menina prodígio.

O meu curso ficava próximo ao centro e a igreja escolhida por eles era na saída da cidade, uma capela pequena com enormes vitrais e jardins com esculturas, as noivas costumavam ir para lá tirar fotos depois da cerimônia pela

bela paisagem, o casamento tinha que ser agendado com muita antecedência e o aluguel da igreja era caro.

O Rodrigo colocou a mão na minha coxa e as manteve ali enquanto me questionava sobre os meus cursos, ele perguntava sobre o violino, se ainda fazia o curso, como se eu tivesse escolha, minha obrigação como filha era estudar.

Aos oito anos minha agenda era lotada, às segundas e sextas curso de violino, terças e quintas, inglês, às sextas informática, e às quartas e sextas ainda fazia ginástica olímpica antes das aulas.

-Nós estivemos pensando se você poderia entrar tocando ao invés de jogar flores.

-Ah, não, tenho vergonha e se errar as notas? Ainda mais andando.

-Seria diferente, uma mocinha linda como você entrando na igreja tocando violino.

Nesse momento ele deslizou a mão pela minha coxa e me olhou.

-Seria inesquecível

-Precisaria treinar antes e agora já está muito em cima, acabaria errando as notas.

Um apertão em minha coxa.

-Duvido, ouvi dizer que você toca muito bem.

Ajeitei-me no banco, arrumei o vestido, ele retirou a mão.

-Tocar eu toco, mas só com partitura, teria que decorar as notas e além do mais acabaria tropeçando.

A mão dele voltou à minha coxa, agora por baixo do vestido.

-Tenho certeza que conseguiria, e além do mais, não custa nada tentar.

-A Daí iria morrer de inveja, ela já esta enciumada pela Vitória ter convidado você e não ela.

-Não, eu tenho vergonha.

Ele acariciou a minha coxa, passando a mão devagar por ela.

-Vai! Por mim.

Sorriu, já estávamos na rodovia, faltava pouco para chegar à capela.

O ensaio ocorreu normalmente, ele parado no altar o padre à sua frente, atrás de mim o casal com as alianças e por fim a noiva, entra e sai, repete tudo de novo.

-Vocês entenderão as posições, você tem de jogar as pétalas espalhando elas pelo corredor todo, olhando para frente e sorrindo sempre.

Na terça seguinte era o último ensaio e todos estariam lá, era o ensaio geral com padrinhos, madrinhas, pais da noiva e do noivo e o ensaio começaria mais cedo, por isso faltei ao curso.

Quando o Rodrigo chegou para me buscar, ainda estava tomando banho, já deveria estar pronta mas fiquei enrolando vendo TV e perdi a hora.

A Fátima me avisou que ele havia chegado e que estava com pressa, sai do banho me sequei de qualquer jeito vesti a primeira roupa que vi, um vestido ridículo, todo florido, colorido, ia até os joelhos, calcei os chinelos, desci com os cabelos molhados terminando de me pentear, fiz um rabo de cavalo e falei para o Rodrigo:

- Só vou fazer um sanduíche e nós já vamos, é rapidinho.

A Fátima estava na lavanderia passando roupa, estava cortando o pão, quando ele me agarrou, sua barba me fez cócegas, ficou

passando ela no meu pescoço, enquanto me abraçava, estava atrás de mim, me ergueu, ri.

-Me põe no chão!

-Só se você me der um beijo.

A voz grossa dele no meu ouvido.

-Você vai me dar o beijo, sim ou não?

Apertou-me em seus braços.

Eu dei o beijo na bochecha dele, ele me olhou.

-Não, assim não.

-E como você quer então?

Ele puxou o meu corpo para perto dele e beijou a minha boca, fiquei paralisada, sem saber o que fazer, com uma faca em uma das mãos e um pão na outra.

Foi o meu primeiro beijo, a boca dele tinha gosto de bala de hortelã, ele era lindo parecia um príncipe encantando com aqueles belos olhos azuis.

A língua dele na minha boca, pensei que ele fosse me engolir, o corpo dele junto ao meu, as mãos deslizando por debaixo do meu vestido, foi me encostando ao balcão, estava meio que agachado, apertava as minhas nádegas, dedos erguendo e abrindo minhas pernas, enfiou a língua na minha boca, a

barba mal feita roçando em minha pele, aquela coisa dura encostada em mim.

-Loli, você ainda está aí?

Ele me soltou, eu fiquei sem saber o que fazer, estava sorrindo, havia gostado e queria que ele me beijasse novamente, que continuasse a me tocar, queria sentir o peso do corpo dele no meu.

-Só, to sim, to fazendo um lanche.

-Vocês vão se atrasar.

-Ela só vai comer e já vamos.

-Tá, também já terminei por hoje, você poderia me dar uma carona.

-Tudo bem.

-Só vou trocar de roupa.

Fiquei na expectativa de que ele me tomasse em seus braços, mas ele não o fez, pediu para que não contasse nada.

-Me desculpe, não sei o que me deu, não queria, desculpa, não vou mais te tocar, por favor, não conte a ninguém.

Saiu ajeitando as calças, até esqueceu as chaves no balcão da cozinha.

-Te espero no carro.

Fiquei rindo a toa, pensando no beijo que ele havia me dado, os

lábios macios carnudos nos meus, as mãos grandes dele me apalpando, não precisava que ninguém me dissesse que era errado, sabia, afinal de contas ele se casaria com a minha prima em alguns dias e eu seria a florista de seu casamento.

A Fátima voltou à cozinha

-Já terminou de comer?

-Sim, só estou tomando o suco.

-Então anda, quero chegar logo em casa, o meu ex vai passar por lá hoje à noite.

Terminei o suco e saímos

No carro, a sós após deixarmos a Fátima, ele estava diferente, mais sério, desviava o olhar de mim, me disse:

-Cometi um erro, sinto muito, espero que você me entenda, não queria te machucar, foi instinto, agi por impulso.

-É que você é tão linda, perdi a cabeça, mas não vou mais te tocar, prometo.

-Só peço que isso fique entre nós.

-Tudo bem, não conto para ninguém.

Até mesmo porque, caso resolvesse contar, quem iria acreditar que, justamente o Rodrigo, que poderia ter qualquer mulher, havia se

engraçado para mim, uma pirralha cheirando a leite, se já duvidavam do amor dele pela Vitória, imagine por mim.

-Mas gostei do beijo.

-Gostou???

-Gostei, a sua boca tem gosto de bala.

-Mas é errado, não devia ter te beijado, você é muito nova e vou me casar com sua prima.

-Mas o beijo foi gostoso!

-Você não tem idade para isso.

-Por que me beijou então?

-Sei lá, você estava ali sorrindo, esse vestido.

Fui obrigada a rir, era um vestido de *cotton* justo no busto e solto no corpo, tinha o fundo azul e estampa de flores amarelas, odiava aquele vestido, parecia tecido de chita.

-Você vai ser uma moça muito atraente, você tem uma coisa que chama, o sorriso convidativo, essa carinha de anjo, esse olhar...

-Loli, não conte nada mesmo, você me colocaria em maus lençóis, não faz idéia do quanto me prejudicaria.

-Tudo bem, não conto.

-É o nosso segredo?

-Sim, é o nosso segredo.

Durante o ensaio, sempre que olhava para o Rodrigo eu ria, pensando no nosso segredo

A igreja toda decorada com rosas brancas, véus, tapete vermelho, os convidados, a iluminação que quase tinha me cegado, eu mal enxergava o que estava à minha frente, a luz forte bem no meu rosto, a música. Amar e respeitar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte os separe.

Ou até que a florista abra a boca.

A festa foi linda, ao ar livre, fizeram uma espécie de tenda com tecidos, havia uma grande mesa de frios, outra de doces e barris de vinho, a família dele era italiana e a festa, típica.

Toda a família reunida, crianças correndo, brincando pelos jardins.

Menos eu, pois não podia, iria estragar o penteado, amansar o lindo vestido que mal me permitia sentar, e se suasse estragaria a maquiagem, e ainda teria que tirar fotos ao lado da noiva, ninguém me contou que ao aceitar ser a florista, eu seria impedida de

participar do casamento, pois tinha as fotos, a filmagem.

Para fazer xixi era um dilema, tinha que ir com minha irmã ao banheiro, ela me ajudava a tirar a meia fina, erguer todas aquelas camadas de tecido para que conseguisse me sentar no vaso.

Comer com cuidado para não sujar a roupa, evitar beber para não ter que ir ao banheiro novamente, a meia coçando, a tiara machucando a minha cabeça, os cílios postiços fazendo arder meus olhos, não via a hora de ir para casa.

As últimas fotos foram na mesa das lembrancinhas, aí então pude trocar de roupa, soltar os cabelos, mas já estava no fim da festa e os noivos já haviam se despedido.

Também, dez anos de namoro, eles deviam estar loucos à espera da lua de mel, até que ficaram bastante tempo na festa.

Por que será que se chama assim, lua de mel, será que ele iria beijá-la da forma que havia me beijado, a abraçaria da mesma forma como me abraçou? E o que mais eles iriam fazer?

Na volta para casa minha irmã comentou:

- Ela não casou de branco, nem usou véu.

- Era só o que faltava, ela casar de branco.

Foi a resposta de minha mãe e qual a diferença? Branco, roxo, preto, por que ela não podia casar de branco?

Brincadeira nada inocente

*“Essa inocência é brilhante.
Eu espero que isso permaneça”*

*Inocence
Avril lavigne*

Abril de 1994

Estava andando de bicicleta pelo bairro e assim como de costume parei no posto, para beber água da mangueira, mas o frentista, um senhor já de idade, me ofereceu água gelada, ele sempre estava ali, calibrava o pneu da minha bicicleta, apertava um parafuso,

consertava o pedal ou colocava a corrente no lugar.

A geladeira ficava no escritório, parei a bicicleta perto das bombas de gasolina e entrei atrás dele, me deu a água, agradei, e enquanto tomava a água sentia ele me observando, é engraçado como se sente um peso sobre o corpo quando alguém te observa.

Devolvi o copo, ele pediu para que esperasse, queria me dar algo, fiquei curiosa, o que seria, logo pensei nos brindes que eram dados aos clientes do posto, discos de squash, bumerangues, chaveiros, bonés, qualquer coisa de graça já estaria de bom tamanho.

-Vem cá, acho que vai gostar.

Ele estava dentro do banheiro, haviam várias caixas lá, ele estava atrás da porta, não podia vê-lo. Ao entrar ele empurrou a porta, me assustei, dei uns passos para trás até que não tinha mais onde ir, ele tinha um sorriso estranho nos lábios.

Ele me agarrou, enfiou a mão dentro do meu short enquanto segurava o meu tronco, eu não sabia o que fazer, queria sair dali, mas como, estava acuada, não

tinha como sair dali sem passar por ele, tentei me soltar, mas quanto mais tentava, mais a mão dele escorregava para dentro do meu short, me debati, mas ele me prensou contra a parede, então me ergueu e se esfregou em mim, ele estava suado, cheirando a gasolina, a barba dele, espetando meu rosto, tentava me beijar, mas virava o rosto, a mão tornou a entrar no meu short, estava puxando o elástico, acho que colocou os dedos em mim, não sei ao certo, senti os dedos passando na minha pele, a mão era áspera, grossa, mas não sei se colocou.

Acho que gritei, ele me soltou.

- Calma! Não quero te machucar, só estou brincando com você.

Ele mexeu em uma das caixas, tirou um disco de squash e me deu.

- Toma, era só uma brincadeira. Você quer um refrigerante?

Ele me deu uma coca em lata, fui embora, não entendi a brincadeira, por que ele colocou a mão dentro da minha calcinha, qual será essa brincadeira e beijo, beijo não é brincadeira. Se era mesmo uma brincadeira ainda não conhecia.

Depois disso comecei a ficar mais esperta com os homens, as brincadeiras deles eram bem estranhas, engraçado como elas só aconteciam quando estava sozinha com eles, talvez fosse melhor não ficar sozinha com nenhum homem, ia lá saber qual seria a próxima brincadeira!

Preferia os beijos do Rodrigo, eles sim eram bons, mas quase não o via, só ficou o gosto de bala de sua boca.

Família

“E de uma forma parece que não há ninguém para chamar quando nossos pensamentos estão tão dormentes

E os nossos sentimentos incertos

Nós todos temos um vazio no interior, todos nós temos de encontrar respostas

Mas você não pode vencer esta luta!”

Welcome to the family
Avenged Sevenfold

1994.

Aos sábados costumava ir à casa de minha tia Silvia, meu pai me deixava lá bem cedo, antes mesmo que minhas primas estivessem

acordadas, ficava conversando com minha avó, enquanto minha tia limpava a cozinha e preparava a mesa do café da manhã.

Ela ficava sentada em uma cadeira à porta, era uma mulher triste, estava sempre com os olhos mortos, duvido até mesmo que me escutasse, após a morte de meu avô tiraram ela de onde passara a maior parte de sua vida, venderam a casa, os móveis, de certa forma venderam sua história, o pouco que restou além de roupas, cobertas e fotos, era aquela velha cadeira de madeira, onde ela passava a maior parte do tempo.

Por volta das 09:00h minhas primas acordavam e tomávamos café da manhã, geralmente íamos andar de bicicleta pelo bairro, era um bairro residencial com varias crianças, para brincar uma grande praça no centro e as ruas iam cercando, fechando um circulo.

Depois voltávamos para o almoço, obrigadas, porque nenhuma de nós queria comer, queríamos aproveitar o pouco tempo que dispúnhamos juntas.

Gostava do clima da casa de minha tia, crianças conversando entrando